



Nuno Costa Santos

## Crónicas do Corpo Santo

# Da Saudade e do Regresso

Vi o Santa Clara-Nacional no número 37 da Rua Ciprião de Figueiredo, Corpo Santo, Angra do Heroísmo. É essa a morada do Furão, o segundo café mais próximo aqui de casa, sítio de encontros de amigos e de visita de turistas nas diferentes estações do ano. Na Primavera a casa cresce, abre-se, ganha a banda sonora da gargalhada. A esplanada permite beber à solta uma cerveja e trocar uma palavra. Recriando, com irresponsabilidade, a sentença da figura que dá nome à rua: antes morrer ao ar livre do que em paz confinado.

Na hora do jogo pedi para ser sintonizado o canal da Sport TV que transmitia a partida. Encostado à parede do lado esquerdo, com uma mini à frente e a esperança como petisco, era a única pessoa a seguir a jogatana. A única a festejar os golos. Lembremos que foram cinco os festejos perante a equipa dos nossos irmãos madeirenses, a equipa do Cláudio, bom amigo dos primeiros anos de Direito em Lisboa. De vez em quando, aparecia alguém que espreitava a televisão para topar o resultado das equipas em confronto. Uma delas foi um rosto bem conhecido nestas ruas. Ao saber do resultado, comentou. “Está quatro a zero para o Santa Clara. Bem bom!” Um terceiro se impatizou com um agradável resultado de uma equipa de São Miguel? Indignei-me com a ausência de qualquer sinal de bairro. Os desportos identitários são praticar. Mas, antes de me levantar para o refilão com essa falta, já estava a ouvir, de forma rigorosa e com um molho de repreensão, qual o número de casos de Covid em São Miguel. Fiquei descansado. Os costumes no lugar. Estendi a mão para o pratinho.

No final do jogo, voltei a casa. À porta do Furão, cumprimentei o Tiago, o último pescador do Corpo Santo. Está na casa dos trinta e contou-nos, um dia, dos feitos, de um tempo outro e das tribulações da pesca. E da felicidade de ver na filha o gosto pelo mar, pelas travessias no barco do pai na baía.

### Ainda a açorianidade

Devolvi à Biblioteca de Angra um batalhão de livros de Vergílio Ferreira, requisitado para es-

crever um artigo sobre o autor, e requisitei, escolhido nas estantes açorianas, “Teotónio Ornelas”, biografia escrita por Reis Leite sobre este nobre idealista e empenhado que aderiu ao movimento liberal do seu tempo e foi decisivo para a vitória do liberalismo no país. Está a acontecer na biblioteca uma muito recomendável exposição sobre ele. Espreitei-a, acendendo assim a curiosidade. Também trouxe para casa “A Condição de Ilhéu”, volume que compila textos de 63 autores. Uns escreveram sobre os Açores, outros sobre a Madeira, outros sobre Cabo Verde e outros ainda sobre São Tomé e Príncipe. Uma viagem.

Ao ler alguns ensaios percebi logo ser este um volume obrigatório para quem quer perceber o que é ou foi viver na ilha (para determinadas gerações) e interpretar, de modo próprio e em geral inspirado, essa vivência. Traz textos de, entre outros, Álvaro Monjardino (recém-homenageado pelo Instituto Açoriano de Cultura), Inocência Mata, Vera Duarte, João David Pinto-Correia, madeirense que pude conhecer em Ponta Delgada, durante um encontro de escritas insulares ocorrido no Centro Natália Correia. Já não estão, o David e a sua invulgar amabilidade. Fixei-me no texto de António Rego – que texto! – com um título luminoso e uma prosa vagueante: “Ilha: Palavra Inventada pelo Mar”. Um achado verbal.

Trago uma citação de um texto de Machado Pires sobre açorianidade (o dicionário digital, em registo nacional, continua a não reconhecer a palavra) e o apelo do regresso à ilha. Capturei-a noutro livro, de outro destacado Teotónio, Onésimo Teotónio Almeida (um dos coordenadores do volume citado), “Açores, Açorianos, Açorianidade”. Parece-me pertinente numa altura em que o conceito inventado por Vitorino Nemésio e aprofundado por Luís da Silva Ribeiro vai sendo questionado e discutido aqui e ali, em modalidade informal, sinal de que há bom pensamento no que toca às identidades de quem mora neste ponto do Atlântico.

A citação é esta: “A Açorianidade é a alma que se transporta quando se emigra, como também aquilo que de cada um de nós se espera quando

nós vivemos fora”. Quanto à ilha de nascimento (ou de vivência significativa, acrescento) é, diz o escritor e professor universitário, um “eixo do Cosmos”, uma “pequena-pátria”, um “mundo de referências matriciais”. Para rematar, “um ponto de regresso ideal, uma Ítaca em que cada um é o Ulisses da sua própria e secreta mitologia”. O que fica sublinhado neste texto é o facto, recordando as palavras de Daniel de Sá e escolhendo outras, de ser decisivo viver fora da ilha para nascer a mais funda açorianidade ou, para ser mais plural, açorianidades. Há quem prefira outros termos e a escolha do dicionário privado não cabe a mais ninguém senão ao homem que o transporta. Cada espírito tem a sua forma de se experimentar e nomear. De um modo mais ou menos inconsciente. Nemésio e outros apenas encontram uma palavra, na tentativa de se explicarem e também por sentido prático: o de tentar compreender e agrupar.

No meu caso, já escrevi sobre, a forma de resolver essa falta da ilha quando vivi fora foi a de insularizar a cidade, escolhendo o bairro dessa mesma cidade, sítio abstracto para quem chegou de um lugar pequeno, rodeado pelo mar que inventa a ilha, para um aconchego. Uma forma de pisar um terreno familiar, onde há um sentido comunitário. Interpreto esse gesto – sim, fi-lo à posteriori – como a procura da ilha possível no continente.

A propósito, ocorre-me que o tema do regresso, explorado nas artes, hoje e ontem, causador, já o percebi, de uma certa oposição por quem, no chão açoriano, é dado à análise ou à recensão. Para facilitar: por se considerar um clichê de quem representa a ilha. Quando o tema é trazido à conversa apelo aos clássicos, como faz António Machado Pires. E por aí me fico, em geral. Basta. O regresso é um dos mais humanos dos temas. Vontade e prática antiga que define o homem. O regresso a um sítio mitificado, por certo. Um sítio que não existe no formato e nos traços de quem o invoca mas é fundamental para a sobrevivência de cada um. E o emigrante, mesmo aquele que, por diversas circunstâncias, nunca decidiu voltar, é, muitas vezes, aquele que mais regressa.

# Lagoa assinala hoje o Dia Mundial da Arte

A Câmara Municipal de Lagoa, através do Museu de Lagoa - Açores, irá assinalar o Dia Mundial da Arte, que hoje se celebra, com diversas actividades, tendo estas sofrido algumas alterações em relação ao previsto devido à situação pandémica.

Assim, às 10h15, através da plataforma Zoom, uma turma do 10.º ano da Escola Secundária de Lagoa, irá assistir ao filme *Van Gogh entre o trigo e o Céu*, ao passo que outra do mesmo ano assistirá a *Michelangelo – Infinito* às 12h00. Graças a uma coordenação feita em conjunto com a escola, procurou-se que esta actividade fosse igualmente ao encontro dos

interesses dos próprios professores e alunos, pelo que o primeiro destinase a alunos do curso de artes visuais e o segundo insere-se na disciplina de história num momento em que se preparam para entrar em conteúdos relacionados com o Renascimento. Estas duas acções são realizadas fruto de uma parceria com o Festival de Cinema Italiano. Organizado pela Associação II Sorpasso é dedicado à cultura italiana e tem presença em vários países.

Para alunos do 9.º ano da Escola Básica e Integrada de Água de Pau, também pela plataforma zoom, e graças a uma parceria com a RTP

Açores, as acções centram-se em artistas açorianos com a difusão de dois documentários produzidos pela estação televisiva açoriana e realizados por Teresa Tomé: um dedicado a José Maria França Machado e outro a Teresa Tomé. De referir que da parte do Museu de Lagoa irá haver junto dessas turmas uma breve referência a obras de outros artistas açorianos antes da projecção dos documentários.

A rede social Facebook da Câmara Municipal de Lagoa irá divulgar, às 16h00, registos fotográficos da peça *O quarto de Van Gogh* elaborada pelo artesão local e boneceiro lagoense João Arruda que representou o quar-

to do pintor Van Gogh. Esta peça estava inserida num atelier temático direccionado para o ATL do Centro Social e Cultural do Cabouco, porém a atividade foi adiada, de acordo com as últimas orientações da Autoridade Regional de Saúde.

Finalmente, às 20h00, a celebração do Dia Mundial da Arte, culminará com um momento dedicado ao público em geral, através da página de Facebook da edilidade, mais precisamente uma conversa com Fátima Mota sobre a obra de Catarina Branco, artista que tem patente uma exposição no Convento de Santo António.